

Virei para a Filipa de Vilhena e vi todo aquele aparato de carros da polícia e carros de bombeiros. A rua estava cortada ao trânsito e à medida que me aproximava da esquina com a Visconde Valmor, ia ficando cada vez mais ansiosa. Olhei para cima, para o meu prédio. Procurava qualquer coisa de anormal, voltei a não ver nada. Quando, porém, quis seguir pelo passeio da direita, fui impedida por um polícia. Perguntei o que se passava.

— Foi uma explosão, minha senhora — respondeu. — A senhora mora no prédio?

— Moro — disse eu.

— Pode passar, mas terá que contornar o carro dos bombeiros, não vá cair lá de cima ainda alguma coisa. — Ia levantar o cordão, hesitou. — Desculpe... deixe que lhe pergunte: em que andar mora...?

— Décimo sexto.

— Ah... então é melhor a senhora não subir — disse ele. — Eu informo o inspetor de que está cá em baixo.

— Como? Não posso subir? — protestei. — Ainda agora vi um vizinho meu passar!

Não dei ao guarda tempo de resposta. Contornei o carro de bombeiros e deparei-me com aquele cenário que nunca mais me sairá da memória. O passeio estava atapetado de entulho, estilhaços de vidro, tijolos, almofadas, abajures, bocados de madeira e metal retorcido. Havia duas cadeiras partidas, uma planta sem vaso, cacos de fósseis. e um objeto retorcido que acabei por identificar como a metamorfose de um esquentador. Não me restava dúvida de onde tudo aquilo provinha. Evitei olhar para cima com medo do que iria encontrar. E então reparei nos livros.

Tantos! Eram livros e livros, os meus, os do Ângelo, via o ventinho fresco folhear os livros como quem procura uma palavra, uma frase, uma definição... Um bombeiro passava e perguntei-lhe se houvera feridos:

— Uma vítima mortal, minha senhora, lá em cima — disse ele, apontando — nenhum ferido. Foi uma sorte tremenda não haver ninguém a passar! — E num gesto largo apresentou o mar de destroços.

Mas eu já não estava ali...